

Narciso e a [tibieza](#)

Comentários - O grande vício dos tempos de crises

por Luigino Bruni

publicado em Avvenire dia 12/05/2013



Há um vício que está se insinuando também no nosso tempo de crises e que corre o risco de se tornar uma verdadeira doença social. É a *tibieza*, uma forma de doença de caráter, do espírito e da verdade. Apesar da sua evidente onipresença, hoje fala-se muito pouco de tibieza, considera-se uma palavra arcaica e fora de uso e os poucos que ainda compreendem o seu significado têm dificuldade em considerá-la um vício. Por quais razões, de fato, deveremos considerar como vício o desencorajamento, a tristeza ou o tédio?

Os fundadores do *ethos* do Ocidente, dos gregos aos filósofos medievais, pensavam concordantemente que a tibieza era um grande vício, ou seja, um vício capital, porque está na origem (fundadora) de outras formas derivadas de desordens ou de doenças do viver, como a preguiça, a inconstância, a [incúria](#) (que é a primeira etimologia de *indolência*), a falta de sentido da vida, a resignação e as depressões, por vezes também clínicas. Para compreendê-lo é necessário voltar àquelas civilizações e recordar que, para aquele humanismo, a tibieza ameaçava não só o bem da pessoa individualmente mas, como todo vício, também o bem comum e a felicidade pública, que são frutos da ação de pessoas dedicadas e empenhadas.

A vida boa é vida ativa, é tarefa, dinamismo, empenho civil, político, econômico, laboral. Por esta razão quando o vírus da tibieza se infiltra no corpo social, é necessário combatê-lo, afastá-lo, expeli-lo, para que não venha a morrer. O vício, como a virtude, é antes de tudo uma categoria civil: as virtudes são boas estradas para o florescimento humano ou felicidade, os vícios desviam-nos e levam ao definhamento da vida. Com os vícios e sem as virtudes, a vida não funciona. Não são ações individuais erradas, mas estados morais e existenciais nos quais se cai pouco a pouco, e não sempre como escolha intencional feita pela pessoa, na consciência da estrada que estava tomando (também por isto o vício não coincide com o pecado). O vício, depois, é também um prazer errado e pequeno, que impede atingir aquele bom e grande, ligado ao uso correto (virtuoso) do corpo e do espírito, das pessoas e das comunidades. É o contentar-se com as migalhas dos porcos e perder o alimento da mesa de casa.

Esta busca de um prazer pequeno e errado encontra-se também na tibieza, mesmo que nos possa aparecer menos evidente em comparação com a gula, a avareza ou a luxúria. A tibieza chega após traumas, crises, desilusões, lutos, fracassos e feridas. Em vez de se reunirem todas as forças para retomar e levantar-se, deleita-se no próprio mal, lamenta-se, lambem-se as feridas. Neste deleite indolente consegue-se experimentar também uma certa consolação e até uma certa forma de prazer, um doce naufragar que faz sobreviver – mas não viver – após a crise. Hoje a nossa civilização dos consumos oferece-nos muitas mercadorias que nos tornam mais agradável o cultivo da tibieza (pensemos ainda na TV), amplificando as suas armadilhas. Este prazer indolente é, no entanto, um prazer errado, míope e muito pequeno, porque não é a passividade narcisista da preguiça a justa elaboração dos nossos fracassos mas – recorda-nos a sabedoria antiga – a vida ativa, o sair fora de casa, o pôr-se em caminho com solicitude...

Por isso uma doença atual, também esta endêmica e social e que se assemelha muito à antiga indolência, é o narcisismo. A tibieza é, então, um grande vício porque quando se enraíza leva-nos a estar mal e a viver mal e se não enfrentada leva a verdadeiras mortes espirituais de pessoas – há tantas hoje, se as soubermos ver, no mundo da empresa e do trabalho – que após uma grande crise renunciam a viver e a fazer viver quem lhes está ao lado, exatamente porque incapazes de recomeçar a viver e a fazer viver.

O que vem a ser a tibieza ou a melancolia nos diz com a força, típica da grande arte, a misteriosa gravura de Dürer, onde a melancolia (naquele tempo, sinônimo de tibieza e tristeza) é representada por um pequeno ser monstruoso que impede o autor de usar os seus instrumentos de trabalho, que jazem abandonados por terra. E como fundo um céu estrelado. Trabalho e estrelas, dois elementos que durante os tempos dominados pela tibieza, caem juntos. Como nos anos em que foi criada esta obra-prima e que são os do Príncipe Maquiavel, do declínio do humanismo

civil, de guerras civis na Itália e de lutas de religião na Europa e, por isso, da tibieza que acompanhava aqueles tempos de crise e acompanha os nossos.

Como para todos os vícios, a cura mais eficaz é individualizar os primeiros sintomas e bloquear imediatamente o processo veloz e acumulativo. Não fechar os processos, deixar os trabalhos pela metade, não reler a última prova de um artigo, experimentar tédio pelo trabalho bem feito, repetir frequentemente a si mesmo: ‘Mas quem é que me obriga a fazê-lo?’, ‘Não vale a pena’. São estes os primeiros sintomas de uma tibieza incipiente.

A antiga sabedoria da ética das virtudes e dos vícios sugere-nos que, quando nos damos conta dos primeiros sinais, devemos reagir imediatamente e “sem demora” – o vício consiste na ausência desta reação decidida, não no sentir os sintomas. ‘Vou partir e vou ter com meu pai’: é esta a resposta virtuosa à tibieza para a qual bastaria a migalha.

Na gravura de Dürer, juntamente com os instrumentos de trabalho abandonados, há também o céu estrelado, mas aquele homem melancólico olha para outro lado. A crise é devastadora quando se apagam na alma os desejos. O desejo tem necessidade da crise, porque nasce justamente da ausência e da queda das estrelas (*de-sidera*¹ ou seja ausência de estrelas) e da vontade de as reencontrar. Quem cai na tibieza contenta-se com um céu escurecido, não quer rever as estrelas. E, muito frequentemente, este triste contentar-se depende das solidões, da falta da companhia de alguém que sabe estar ao lado e sabe levar a rever as estrelas.

Desta crise, séria demais para atribuí-la unicamente às escolhas econômicas e financeiras, sairemos transformando resignações, abatimentos e tibeizas de muitos cidadãos e de inteiras nações em novos projetos políticos e num novo entusiasmo civil, voltando a agregar solidões em destinos sociais comuns, paixões tristes e estéreis em paixões felizes e geradoras, vícios em virtudes civis. Conseguiremos?

Traduzido por Adriana Mendes - ANPECOM

¹ *Desidera* (it) = *deseja* (port.) (NT)